

A CORRESPONDÊNCIA DE MARX COM VERA SASSULITCH

Os documentos com que *Raízes* inaugura esta nova seção são duas cartas que permaneceram por longa data esquecidas até por aqueles que protagonizaram aquela correspondência histórica. Aliás, não propriamente esquecidas, mas negadas e ocultas do público que delas deveria ter feito, na época, um uso coletivo e impactante. Esta carta só viria a público, mais de quatro décadas após a morte de Marx, quando a questão, que aquele debate suscitou, já estava “resolvida”!

Na verdade a *solução* apresentada pouco difere daquele tipo de solução que o racionalismo-tecnicismo do século XX se tornaria célebre em dar a muitas das questões sociais, culturais e políticas: eliminação física daqueles cuja existência era a própria expressão do problema!

Assim a carta de Marx, que *Raízes* apresenta a seguir, talvez possa ser tratada como um documento inédito, tal o desconhecimento da existência deste e de outros textos relevantes, que paira entre nós. Na verdade, apesar da existência de uma publicação mexicana da coleção *Cuadernos de Pasado y Presente*¹, não se vê referências nos trabalhos publicados sobre a matéria, apesar da importância dada ao referencial marxista nos debates e da relevância da questão agrária e camponesa no Brasil.

Mas o leitor comum se perguntará da oportunidade e pertinência de trazer à luz textos deste autor, Karl Marx, mesmo inéditos, quando parece ter sido provada já insuficiência de sua teoria, pela derrota do socialismo autoritário. Não teria a época de Marx já passado? Não nos cabe aqui fazer toda uma avaliação sobre a propalada crise do marxismo, mas é importante reafirmar que a obra científica de Marx não se resume à sua militância política, nem parece ter tido a chamada “ortodoxia marxista”, que se ins-

talou na direção dos partidos e movimentos operários após sua morte, uma procuração para falar e predizer a história, em seu nome. Em todo caso, nos parece que muitas das noções vulgares e acadêmicas que circulam a respeito de Marx muito pouco se amparam nos fatos históricos ou em fundamentos teóricos. *Em primeiro lugar*, em Marx não encontramos apenas soluções, mas a formulação de problemas, de questões, que ainda estão por ser aclaradas. E, para a ciência, as questões são muitas vezes mais relevantes que as soluções. *Em segundo lugar*, a influência teórica deste autor, principalmente nas ciências sociais, é enorme e bastante difusa, de tal sorte que dificilmente encontramos nestas ciências, debates que de alguma forma não tenham alguma influência do marxismo. *Em terceiro lugar*, o ambiente acadêmico e científico parece estar hoje muito mais propício a um aprofundamento de sua obra, como nunca esteve antes. Menos oprimido pelo patrulhamento, tão direto e comum há bem pouco tempo atrás, o pesquisador pode pensar e repensar as categorias marxistas sem se preocupar em adequar-se aos cânones impostos pelo partido. Mas concordo que, se é verdade que o ambiente é propício, nem por isso está aberto para inovar seu estilo de leitura e de pensamento. Evidentemente que qualquer novidade não surge à luz sem dificuldades: os consultores e pareceristas estão aí instalados nas editoras oficiais e privadas, vigilantes e atentos para não colocar em risco os dogmas sagrados, os quais ainda que inúteis para o mundo de hoje, justificaram um dia, e acreditam justificar ainda hoje, seu autoritarismo político e intelectual.

As cartas aqui apresentadas nos remetem para uma disputa teórica que, como tantas outras polêmicas no marxismo, não ficou restrita apenas a formulações e a análi-

¹ Marx K., Engels F. Escritos sobre Rusia. II, El porvenir de la comuna rural rusa. [Número 90 da coleção Cuadernos de Pasado y Presente]. México: Siglo XXI Editores, 1980.

ses teóricas. Na verdade, estes debates tiveram enormes implicações políticas para os países do continente europeu, e efeitos não menos graves para as lutas e movimentos de libertação na Ásia, África e América Latina. E estas implicações práticas continuam a existir até hoje, o que faz com os textos aqui apresentados mantenham a sua atualidade, uma vez que podem inspirar novas análises e questionamentos.

Como teoria social, o marxismo não se encontra propriamente em crise, posto que uma verdadeira crise significaria o fracasso total dessa teoria, sua comprovada ineficiência e equivocidade. Por exemplo, as teorias racistas do fim do século XIX e início do século XX entraram em crise, e desapareceram. Uma verdadeira crise para uma teoria significa seu fim como atividade prática, significa que a mesma virou tema para alguns poucos historiadores da ciência e da cultura política. Desta forma, não constituiria mais objeto de debate e interesse próprio, nem seria ponto de partida para nada. Outra é a situação do marxismo, ou mais especificamente, da obra de Marx. Ela é, e continuará sendo, um ponto de partida para interrogações e questionamentos e novas descobertas. Neste sentido, a “crise”, se existe alguma, é apenas no sentido de que as afirmações que se tinha como conclusões irretorquíveis se revelaram como questões abertas, como hipóteses a provar e como problemas a serem aprofundados, debatidos e esclarecidos. As noções e formulações, tidas como verdades absolutas ou finais, são na verdade questões e problemas a serem repensados e questionados. Neste sentido, o marxismo não está propriamente em crise, mas representa hoje um novo desafio para o desenvolvimento científico das ciências sociais. É mais atual do que nunca.

Normalmente se lê — e comumente se cita — Marx sem respeito ao contexto histórico de sua militância, e sem contextualização do problema específico a que estava afeito naquele momento determinado. Um bom exemplo disso, no campo dos debates sobre o campesinato, são suas análises enfeixadas em um trabalho ocasional, como artigo para uma revista, sobre o golpe de estado na França de 1851, conhecido por seu título, em tradução equivocada, de *Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*. Vulgarmente este texto tem sido tomado como a compreensão essencial de Marx sobre a existência dos camponeses na sociedade capitalista. A publicação das cartas sobre o camponês russo — como também a dos rascunhos que a prepararam, a sair no próximo número de *Raízes* — tem, antes de tudo, a finalidade de contribuir ao resgate de um Marx histórica e teoricamente multifacetado e desconhecido.

A carta de Vera Sassoulitch a Marx, em fevereiro de 1881, colocava os termos centrais do problema do campesinato na Rússia, problema mais ou menos comum para as sociedades de transição tardia para o capitalismo: *Qual é o papel político dos camponeses e de suas organizações nestes países?* No entanto, a colocação do problema por Vera Sassulitch obedece às preocupações de uma militância esquerdista populista, já profundamente dilacerada pelos questionamentos de uma compreensão determinista e economicista da inexorabilidade do processo de transição na Rússia. Na carta de Vera, lemos:

“De duas uma: ou bem esta comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos senhores e da administração arbitrária, será capaz de se desenvolver pela via socialista, isto é, de organizar pouco a pouco sua produção e sua distribuição dos produtos em bases coletivistas. Neste caso, o socialista revolucionário deve sacrificar todas suas forças pela liberação da comuna e por seu desenvolvimento...”

Em termos econômicos, o campesinato russo se encontrava ameaçado pelo avanço do capitalismo. Há dois aspectos, na preocupação de Sassulitch, com conteúdos teóricos diferentes: a) de um lado, o desenvolvimento econômico da própria comuna camponesa russa e a sua resistência à desagregação em função dos efeitos do desenvolvimento capitalista; b) de outro lado, a perspectiva socialista, o desenvolvimento para o socialismo, através da superação social e política da dominação capitalista. Estas duas questões estão coladas, pelo próprio ponto de partida da autora, que sofrera já a influência do pensamento de Marx, que naquela época influenciava todo o movimento de oposição na Rússia. Duas marcas já haviam sido assentadas: o processo econômico em curso, tendente ao capitalismo, e o futuro da sociedade, que deveria marchar inexoravelmente para o socialismo.

Parecia, portanto, que a própria influência da leitura de Marx, e neste momento é particularmente a obra maior de Marx, *O Capital*, cujo primeiro tomo havia aparecido no início da década de 1870, na Rússia, estava condicionando um tipo de resposta. Assim, a tendência do movimento socialista russo seria aceitar a inexorabilidade do desenvolvimento capitalista no campo, no estilo da Europa ocidental, e assumir as conseqüências deste fato.

O ponto de vista, portanto, não é simplesmente, “o que está acontecendo” ou “o que poderia acontecer com o camponês”, nem tampouco, “quais alternativas teria o campesinato”. A questão toda era: qual a perspectiva para o movimento socialista russo, como um movimento universal

diante de um processo inexorável? O que fazia alterar as previsões, e o que viria incomodar profundamente mais tarde os *social-democratas* russos, era a presença maciça deste campesinato, que constituía a enorme maioria da sociedade russa, o que tornava pessimista a expectativa de uma transição que seguisse o modelo da Europa ocidental.

... “Ou a terra do camponês passará de suas mãos para as da burguesia, em quantos séculos, talvez, o capitalismo chegará na Rússia a um desenvolvimento semelhante àquele da Europa ocidental.”

É a existência massiva do campesinato russo que levava os militantes, talvez a contragosto, a examinar o potencial revolucionário do campesinato. Assim, o campesinato, passa a ocupar o lugar central no debate, mas em um contexto de questões que, na verdade, o deslocam para a situação de um elemento subordinado: a importância do campesinato neste processo está secundarizada pela própria compreensão do processo histórico em si, a ser trilhado pela Rússia. Qual a consequência social e política, desta ou daquela avaliação do campesinato? Em ambos os casos, as consequências são propagandísticas, e dizem respeito à estratégia e tática na mobilização do campesinato.

“Neste caso, eles deverão fazer a propaganda somente entre os trabalhadores urbanos, que se verão continuamente mergulhados na massa de camponeses, os quais seguindo à dissolução da comuna serão atirados ao pavimento das grandes cidades em busca de um salário.”

A questão que se colocava para os socialistas russos, para o movimento revolucionário russo, era se havia ou não uma estratégia de transformação social a partir do próprio campesinato, ou a aposta de transformação social deveria toda ela estar concentrada na perspectiva de mobilização do proletariado.

Destaca-se em primeiro lugar que, se esta é uma questão exclusivamente da estratégia socialista, de estratégia revolucionária, ela é dominante em toda a compreensão que os marxistas viriam a elaborar sobre os camponeses. Este é o ponto que é preciso ser ressaltado, e que é específica do debate russo da época, ponto que também separa aquele debate dos debates brasileiros e latino-americanos, tanto nos anos 50 e 60, como hoje. No contexto russo de fins do século XIX a questão é o papel dos camponeses no processo revolucionário, enquanto na América Latina e no Brasil hoje, a

perspectiva é a própria inserção e participação dos camponeses na sociedade, quer dizer, na economia, na política e na vida social como um todo.

Mas se esta distância existe e as questões postas são diferentes, não se pode deixar de reconhecer que todo o debate contemporâneo sofre as consequências do debate europeu e russo do final do século XIX e início do século XX. Em segundo lugar, uma vez que se produziu um modelo pré-fixado para o campesinato, em função das necessidades táticas e estratégicas do movimento russo e alemão, que tomaram ambos uma perspectiva estritamente proletarista, a sociabilidade própria dos camponeses permaneceu desconhecida. O papel específico do campesinato, de sua resistência e de suas lutas, ficou encoberto. E isso é preciso ser resgatado agora.

O efeito mais difundido daquela compreensão proletarista está na crença da inexorabilidade do desaparecimento do campesinato:

“Ultimamente, temos escutado dizer com frequência que a comuna rural é uma forma arcaica que a história, o socialismo científico, em uma palavra, tudo o que existe de mais indiscutível, condenam a perecer. As pessoas que pregam isso se dizem seus discípulos por excelência: ‘Marxistas’.”

Na literatura brasileira, sobre reforma agrária e sobre pobreza rural, esta convicção ainda está perfeitamente presente. Contra essa literatura, é preciso sustentar, primeiro, que o *campesinato não é uma sobrevivência arcaica*, e segundo, que a *questão agrária é uma questão social relevante e atual*, isto é, é relevante na contemporaneidade, para todos os países com características históricas semelhantes à do Brasil. Pois, nem a industrialização urbana — que não pode absorver a força-de-trabalho urbana — nem o agro-negócio — que também não absorve a força de trabalho rural — faz e fará desaparecer a questão agrária. Pode-se dizer, portanto, que, em países como o Brasil, o campesinato subsiste como um segmento social, cultural, econômica e politicamente relevante. Deste ponto de vista, quer dizer, de um ponto de vista que prioriza o aspecto social, cultural e político, e não parte apenas do elemento econômico, há uma questão agrária, que ainda que guarde certas semelhanças com a questão urbana, não é a mesma questão do desenvolvimento econômico. Portanto, existe ainda uma questão agrária e uma questão camponesa a se resolver no Brasil.

1) CARTA DE VERA ZASSULITCH PARA KARL MARX

Tradução E. Malagodi

Genebra, 16 de fevereiro de 1881
 Rua de Lausanne n.º. 49.
 A Imprensa Polonesa

Prezado cidadão,

O senhor não desconhece que seu “Capital” goza de grande popularidade na Rússia. Malgrado o confisco da edição, os poucos exemplares que sobraram são lidos e relidos pela massa de pessoas mais ou menos instruída do nosso país; e há pessoas sérias dedicadas ao seu estudo. Mas o que o senhor provavelmente desconheça é o papel que seu “Capital” desempenha em nossas discussões sobre a questão agrária na Rússia e sobre a nossa comuna rural. O senhor sabe, melhor do que ninguém, como é premente esta questão na Rússia. O senhor sabe o que dela pensava Tchernichevsky. Nossa literatura progressista, como os **Otiéchestvienhnie Zapiski** (Anais Pátrios), por exemplo, continua desenvolvendo suas idéias, mas esta é, a meu juízo, uma questão de vida ou morte, sobretudo para o nosso partido socialista. De uma ou de outra maneira, do senhor depende, sobre esta questão, inclusive o destino pessoal de nossos socialistas revolucionários. De duas uma: ou bem esta comuna rural, liberada das exigências desmesuradas do fisco, dos pagamentos aos senhores e da administração arbitrária, é capaz de se desenvolver pela via socialista, isto é, de organizar pouco a pouco sua produção e sua distribuição dos produtos em bases coletivistas. Neste caso, o socialista revolucionário deve sacrificar todas suas forças pela liberação da comuna e por seu desenvolvimento.

Se, porém, ao contrário, a comuna está destinada a perecer não resta ao socialista, como tal, senão começar a fazer cálculos, mais ou menos mal fundados, para saber em quantos decênios a terra do camponês passará de suas mãos para as da burguesia, em quantos séculos, talvez, o capitalismo chegará na Rússia a um desenvolvimento semelhante àquele da Europa ocidental. Neste caso, eles deverão fazer a propaganda somente entre os trabalhadores das cidades, que se verão continuamente mergulhados na massa de camponeses, os quais seguindo à dissolução da comuna serão atirados ao pavimento das grandes cidades em busca de um salário.

Ultimamente, temos escutado dizer com frequência que a comuna rural é uma forma arcaica que a história, o so-

cialismo científico, em uma palavra, tudo o que existe de mais indiscutível, condenam a perecer. As pessoas que pregam isso se dizem seus discípulos por excelência: “Marxistas”. O mais forte de seus argumentos é, freqüentemente: “Foi Marx que disse!”

“Mas como vocês deduzem isso de seu ‘Capital’? Nessa obra, ele não trata da questão agrária e nem fala da Rússia”, nós lhes questionamos.

“Marx teria dito isso, se ele falasse de nosso país”, respondem seus discípulos de volta, talvez, com demasiada ousadia. Compreende o senhor, portanto, cidadão, a que ponto sua opinião sobre esta questão nos interessa e quão grande o serviço o senhor teria prestado, expondo suas idéias sobre o destino possível da nossa comuna rural e sobre a teoria da necessidade histórica de todos os países do mundo terem que passar por todas as fases da produção capitalista.

Tomo a liberdade de solicitar-lhe, cidadão, em nome de meus amigos, a bondade de nos prestar esse serviço.

Se o tempo não lhe permite de expor a suas idéias sobre estas questões de uma maneira mais ou menos detalhada, tenha ao menos o obséquio de o fazer sob a forma de uma carta que o senhor me permita traduzir e publicar na Rússia.

Aceite, Cidadão, minhas saudações respeitosas,

Vera Zassoulitch.

Meu endereço:

Imprensa Polonesa

Rua de Lausanne num. 49. Genebra.

— ••••• —

2) KARL MARX PARA VERA ZASSOULITCH

Londres, 08 de Março de 1881
 Maitland Park Road, 41
 London, N.W.

Querida cidadã:

Uma doença nervosa que me ataca periodicamente, nos os últimos dez anos, me impediu de responder mais cedo à sua carta de 16 de fevereiro. Eu lamento de não poder dar-lhe uma exposição sucinta e destinada à publicação, da questão que você me fez a honra de propor.

Já prometi, há meses, um trabalho sobre o mesmo assunto ao Comitê de São Petersburgo. Entretanto eu espero que algumas linhas serão suficientes para retirar-lhe toda dúvida sobre o mal-entendido em relação à minha suposta teoria.

Analisando a gênese da produção capitalista, eu digo:

“No fundo do sistema capitalista há, portanto, a separação radical do produtor de seus meios de produção... a base de toda esta evolução é a expropriação dos cultivadores. Ela ainda não se completou de uma maneira radical senão na Inglaterra... Mas todos os outros países da Europa ocidental percorrem o mesmo movimento”. (“Le Capital”, edição francesa, pág. 315, grifado no original).²

A “fatalidade histórica” deste movimento está, portanto, expressamente restrita aos países da Europa ocidental. O porquê desta restrição está indicado nesta passagem do capítulo XXXII [da edição francesa]:

“A propriedade privada, fundada sobre o trabalho pessoal... vai ser suplantada pela propriedade privada capitalista, fundada sobre a exploração do trabalho de outro, pela via do assalariamento.” (loc. cit. P. 340)

Neste movimento ocidental trata-se da transformação de uma forma de propriedade privada em uma outra forma de propriedade privada. Entre os camponeses russos teríamos, ao contrário, que transformar sua propriedade comum em propriedade privada.

A análise exposta no “Capital” não oferece, portanto, razões nem a favor, nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que dela realizei, e cujos materiais busquei nas fontes originais, me convenceram que esta comuna é o ponto de apoio da regeneração social na Rússia, mas que, para que possa funcionar como tal, seria preciso eliminar primeiramente as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e, em seguida, assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo.

Tenho a honra, querida cidadã, de ser seu todo devotado,

Karl Marx.

— ● ● ● ● ● ● —
Traduzido do volume *Marx-Engels-Archiv*, vol. 01, Editado por D. Rjazanov, Frankfurt a.M. 1925, pags. 316-317 e págs. 341-342.
— ● ● ● ● ● ● —

² A tradução francesa do “Capital” foi inteiramente re-escrita por Marx. Sublinhado por Marx na carta.